

A potencialidade decolonial das narrativas interculturais na docência indígena

Gisane Monteiro de Andrade 

Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG), Sobral, Ceará, Brasil

Adriana Campani 

Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, Brasil

Virgínia Célia Cavalcante de Holanda 

Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG), Sobral, Ceará, Brasil

1

Resumo

Esse artigo objetiva discutir a docência indígena como território de interculturalidade de saberes e sua potencialidade decolonial a partir das narrativas docentes da Escola Diferenciada Indígena Aba Tapeba localizada na Aldeia da Jandaiguaba, em Caucaia-CE. Os procedimentos metodológicos utilizados tiveram como base inicial a pesquisa bibliográfica para discussão teórica sobre corpo-território (MIRANDA, 2020; HAESBAERT, 2021), interculturalidade de saberes (SANTOS, 2019) e docência decolonial (WALSH, 2017), a qual nos faz compreender que a docência é um corpo território de interculturalidade de saberes que produz narrativas interculturais com potencialidade decolonial. Evidenciamos que as narrativas docentes indígenas apresentam uma ecologia de saberes ao incorporar o saber disciplinar da geografia escolar aos saberes ancestrais, dando expressão às lutas sociais indígenas.

Palavras-chave: Narrativas interculturais. Docência indígena. Decolonidade

The decolonial potential of intercultural narratives in indigenous teaching

Abstract

This article aims to discuss indigenous teaching as a territory of intercultural knowledge and its decolonial potential from the teaching narratives of the Differentiated Indigenous School Aba Tapeba located in the village of Jandaiguaba, in Caucaia-CE. Methodological procedures used as an initial basis for bibliographic research for theoretical discussion on territory-body (MIRANDA, 2020; HAESBAERT, 2021), interculturality of knowledge (SANTOS, 2019) and decolonial teaching (WALSH, 2017), which makes us understand that teaching is a territory-body of intercultural knowledge that produces intercultural narratives with decolonial potential. We show that indigenous teaching narratives present an ecology of knowledge by incorporating the disciplinary knowledge of school geography to ancestral knowledge, giving expression to indigenous social struggles.

Keywords: Intercultural narratives. Indigenous teaching. Decolonity.

1 Introdução

Vivemos numa sociedade onde a exclusão social tem permeado amplas tecituras da sociedade, guiada pelo pensamento ocidental dominante, fruto do

colonialismo histórico que inviabilizou todas as demais formas de conhecer, relegando-as à subalternização. Diante dessa dominação epistemológica, as epistemologias do Sul (SANTOS, 2013) trazem-nos alternativas, denunciando essa hegemonia que atravessou séculos da nossa história, promovendo o diálogo horizontal entre saberes, num processo reflexivo e dialógico. “Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo pressupõe uma ou várias epistemologias.” (SANTOS, 2013, p. 16).

Santos (2019) traz o conceito de linhas abissais e nos faz refletir sobre as linhas de identificação das fronteiras de exclusão produzidas pelo conhecimento moderno que são sustentadas pela cultura ocidental.

A decolonidade encontra caminhos na tradução intercultural das epistemologias do Sul, reinterpretando o mundo a partir da escuta das vozes subalternas, como alternativas potenciais de luta contra a exclusão social. Walsh (2017, p. 284) afirma que: o “el aspecto central en un proyecto de emancipación epistémica es la coexistencia de diferentes epistemes o formas de producción de conocimiento”.

As narrativas das vozes subalternizadas ecoam dos corpos docentes imprimindo um território de saberes produzidos pelos diferentes lugares, distintas lutas e formas de existência, configurando esses corpos-territórios.

As narrativas interculturais nascem das epistemologias do Sul (SANTOS, 2013) porque são produzidas por sujeitos em seus contextos identitários e de lutas sociais. Essas lutas questionam os processos de exploração, de regulação e exclusão produzidos pelo sistema capitalista e suas agências. Nesse sentido, lutam por igualdade social, mas, também, pela não colonialidade dos seus corpos e formas de existência.

Nesse contexto, vale-nos a escuta da docência indígena através de suas narrativas na constituição intercultural de seus corpos-territórios, pelo diálogo entre os distintos saberes, evidenciando seu potencial decolonial. A docência indígena é um território de interculturalidade de saberes, esses saberes são impressos nas trocas de pele evidentes em seu processo formativo, forjando os corpos-territórios docentes.

As narrativas docentes indígenas expressam a subjetividade e saberes interculturalizados marcados nos corpos docentes, nesse contexto, seus corpos são territórios e é exatamente ali que reside o processo de decolonialidade de saberes.

Objetivamos nesse artigo discutir a docência indígena como território de interculturalidade de saberes com potencialidade decolonial a partir das narrativas das professoras da Escola Diferenciada Indígena Aba Tapeba localizada na Aldeia da Jandaiguaba, no município de Caucaia do Estado do Ceará.

3

2 Metodologia

Os procedimentos metodológicos utilizados tiveram como base inicial a pesquisa bibliográfica para discussão teórica sobre corpo-território (MIRANDA, 2020; HAESBAERT, 2021), interculturalidade de saberes (SANTOS, 2019), docência decolonial (WALSH, 2017), a qual nos faz compreender que a docência é um corpo-território de interculturalidade de saberes que produz narrativas interculturais com potencialidade decolonial.

Nossa análise, tem como ponto de partida as narrativas docentes indígenas, para compreender a ecologia de saberes produzidas em suas docências e, nela, sua potencialidade decolonial. Sendo a ecologia de saberes a constituição dos corpos-territórios docentes, podemos visualizar, na partilha desses saberes, o fortalecimento da memória coletiva do povo Tapeba na busca da cocriação de um conhecimento decolonial.

Realizamos conversas livres com duas professoras indígenas (Tapeba/Tremembé) da Escola Diferenciada Indígena Aba Tapeba. Essas conversas ocorreram via *google meet* com permissão de gravação, separadamente, num período de 02(duas) horas respectivamente. A conversa possibilitou percorrermos a trajetória da constituição docente das mesmas, bem como seus processos de lutas sociais imprimindo a interculturalidade em suas narrativas com forte potencialidade decolonial, configurando um ensino dialógico da ancestralidade indígena às distintas formas de conhecimento.

3 Resultados e Discussões

3.1 Decolonizando saberes: narrativas interculturais na docência indígena

4

O fim do colonialismo histórico, não denota o epílogo do sistema colonial, ao contrário, a colonialidade desenhou a linha abissal, enraizando-se na formação socioespacial de educadores e educandos, legitimando mecanismos específicos de exclusão social nas instituições acadêmicas e escolares produzindo um conhecimento verticalizado eurocêntrico.

A colonialidade do saber empregada na memória dos sujeitos, constituiu-se estratégia cuja finalidade consiste na busca do silenciamento e distanciamento dos povos tradicionais a sua ancestralidade, invadindo seu modo ser, imaginário social e subjetividade, constituindo um conhecimento a serviço da regulação social. “A colonialidade do saber, supostamente, teria lhes tirado o conhecimento próprio, esvaziando-os do seu espírito, de seus saberes ancestrais” (MENESES, 2020, p. 57).

Vale-nos a reflexão de que nossas histórias se expressam no corpo e memória, dimensionando o sujeito que somos, afirmando nossa subjetividade, enquanto filhos da terra refletimos o tempo e o sopro das vozes de um lugar, reencontrando-nos em territórios outros numa encruzilhada de saberes, refletindo o conhecimento coletivo sob um espelho prismático. De acordo com (CLASTRES, 1978, p.125-126 *apud* HAESBAERT, 2021, p. 171): “[...] o corpo mediatiza a aquisição de um saber, e esse saber é inscrito no corpo”. Infere-se, portanto, que o corpo é um território de interculturalidade de saberes, lugar de nossas memórias, onde saberes se conectam à formação docente do sujeito.

A docência indígena é forjada pelas histórias que se entrecruzam, num diálogo de saberes em sua trajetória, reconhecendo a incompletude de todos os conhecimentos. A troca da pele evidencia a ressignificação do olhar dos corpos docentes, imprimindo marcadores sociais em sua constituição. Nesse sentido a formação docente, deve compreender: “um mosaico de dimensões epistemológicas com reverberações identitárias que oportunize o corpo-território-docente ter um trato sistematizado com as questões da diversidade e diferença” (MIRANDA, 2020, p. 148).

Assim, a docência é concebida como corpo-território que interculturaliza saberes e potencializa a decolonialidade - concebendo uma docência decolonial. Walsh (2017, p. 290-291) propõe: la interculturalidad crítica como forma de pedagogía decolonial [...] implica un trabajo decolonial dirigido a romper las cadenas y a superar la esclavitud de las mentes[...].

5 Transgredir para libertar é uma busca necessária, numa desobediência epistêmica, desmarginalizadora de saberes, assim sendo as narrativas interculturais constituem-se pedagogias decoloniais, materializando-se nas práticas pedagógicas o percurso formativo das vozes docentes, buscando-se construir um projeto de existência de vida (WALSH, 2017).

Compreendemos, que se a docência é um território intercultural, ela produz narrativas interculturais, possibilitando visualizar a potencialidade decolonial na docência se observarmos a interculturalidade dos saberes em suas narrativas. A visão intercultural reproduz os discursos formativos, espelhando um território pautado na pluriversalidade, capaz de conceber a troca de pele ao longo da trajetória do sujeito.

Os educadores indígenas, na cocriação de um conhecimento decolonial, constituem-se sujeitos de um saber com e não um saber sobre, trazendo à tona as experiências pedagógico-culturais impressas no seu modo de ser e estar no mundo, numa busca de re-existência onde as narrativas interculturais, seriam uma possibilidade de resgate a memória ancestral dos sujeitos, de acordo com Plá (2019, p. 977) acolhidas como: “construcción de contra-narrativas que promuevan el desmantelamiento de las formas de dominación y aportar así a la conformación de sociedad basada en la justicia social”.

A representação do ecoar das memórias docentes dos povos originários, trazem visibilidade a epistemologia indígena, refletindo os verdadeiros heróis de suas histórias, sua cosmovisão, magia e espiritualidade, gerando um conhecimento artesanal como ferramentas de resistência contra o sistema colonial nas encruzilhadas formativas dos corpos.

As narrativas[...] tem um final aberto. Deixam-se reinterpretar e recontextualizar, permitem uma contínua reinvenção[...]. Nos processos de luta, as histórias configuram muitas vezes conhecimento capacitador, seja porque realçam a força dos oprimidos[...]seja porque reduzem a força dos opressores [...] (SANTOS,2019, p. 95).

6

Nesse cenário, o entrelaçamento da ecologia de saberes nascidas das lutas e tradução intercultural, fomentam possibilidades de resposta às vozes da diversidade ecoadas no silêncio dos corpos insurgentes, revelando nas narrativas uma representação do diálogo entre os distintos saberes e racionalidades, “reconhecendo a copresença de distintos saberes” (SANTOS, 2019, p. 28), refletindo um conhecimento emancipador artesanal (não científico) nascido das lutas e a serviço delas.

3.2 Potencialidade decolonial nas narrativas interculturais da docência indígena

As narrativas interculturais possibilitam o reencontro dos sujeitos com o mundo sociocultural dos mesmos pelos caminhos da memória, possibilitando o transbordamento da historicidade indígena, e seus processos de formação. Consideradas contra narrativas, pois fogem do padrão eurocêntrico, patriarcal e colonialista, objetivam mostrar o ponto de vista dos povos originários, os marcadores significativos nos corpos-territórios dos sujeitos, enveredando os saberes compartilhados na experiência histórico-coletiva docente na expressão da subjetividade. Nesse sentido, “Se perceber corpo-território é reafirmar a sua construção sócio-histórica[...]”. (MIRANDA, 2020, p. 34).

As narrativas discutidas nesse artigo são produzidas por duas professoras indígenas Tapeba e Tremembé, docentes da disciplina de geografia na Escola Intercultural Indígena: Aba Tapeba, localizada na aldeia da Jandaiguaba em Caucaia-CE. São professoras que tiveram processos formativos distintos em sistemas formais de ensino. Uma é licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará. A outra realiza o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena PITAKAJÁ na Universidade Federal do Ceará.

Nas narrativas visualizamos uma docência que conecta o ensino de geografia com a espiritualidade adquirida pela ancestralidade, onde o estudo da natureza incorpora os saberes encantados. Os saberes da natureza também proporcionam a matéria prima que permite expressar a pintura étnica preto e vermelho como representação das lutas sociais e resistência indígena.

A docência indígena ao incorporar saberes ancestrais como expressão das lutas sociais do seu povo, tensiona para um caminho da decolonidade do saber disciplinar da geografia escolar, sendo essa expressão notória em suas narrativas.

7

Professora A: Iniciei minha formação cursando Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, o ano de 2013 foi decisivo em minha carreira, pois iniciei o curso técnico em Meio Ambiente pelo IFCE, o que despertou-me cursar Licenciatura em Geografia, fazendo posteriormente pós-graduação em Gestão e Coordenação Pedagógica. Minha experiência docente iniciou na rede privada de ensino, atuando posteriormente na gestão escolar da Escola Diferenciada Aba Tapeba, retornando à sala de aula de geografia e história por um período de seis meses. Da metade de 2015 ao final de 2019 retornei à gestão, sendo premiados com o projeto: “Minha escola é da comunidade”, utilizando tinta artesanal para representar nossa arte. Do ano de 2020 até o presente momento, fui lotada na Escola Diferenciada Amélia Domingos, anexo na Escola Aba Tapeba, dando aula de geografia na EJA. Nas nossas aulas seguimos a base nacional comum, mas não importa onde esteja, sou indígena, reconheço meu lugar, isso nunca vai sair de mim, está presente em minhas aulas. (Professora A – narrativa online via).

Professora B: Sou natural de Almofoala, procurando minhas origens, descobri que sou Tremembé, iniciei minha docência na Escola Aba Tapeba como professora auxiliar da Educação Infantil na metade do ano de 2017 até tornar-me titular em 2019, no ano de 2020 recebi o desafio de ser professora de Ciências e em 2021 fui convidada a ensinar geografia. Minha primeira formação é Pedagogia, e agora estou cursando Licenciatura Intercultural Pitakajá pela UFC, são 06 anos de curso, as aulas acontecem na aldeia de cada etnia quinzenalmente, com encontro na universidade semestralmente, atualmente por conta da pandemia está acontecendo online. Tenho especialização em Educação Infantil pela Faculdade Plus e iniciei na pandemia especialização em Ensino de Geografia pela FAVENE, por conta de estar agora assumindo turmas de geografia. (Professora B – narrativa online via GoogleMeet).

As narrativas são intrínsecas às trajetórias de formação e aos processos de escolarização tecidas pela cultura branca dos sistemas de ensino do Estado capitalista moderno. Percebemos que na trajetória de formação e iniciação

profissional mantinha-se o “ser indígena” como marcas de resistência a essa cultura branca produzida pelo sistema.

No campo da experimentação, dialogando com os distintos saberes e práticas culturais, as narrativas docentes indígenas nos mostram que os seus saberes são corporificados, possibilitando a construção de textos vivos, ao encontro das percepções, numa resignificação de saberes. As encruzilhadas formativas do campo das experiências, levam a troca de pele, para alcance de novas corporalidades e expansão de concepções e buscas da expressão da coletividade do povo indígena.

A resistência é uma marca impressa nos corpos docentes indígenas, orientando sua formação docente, levando-os a perceberem a docência como um território de lutas e afirmação, revelando isso em suas narrativas.

Professora A: Decidi ser professora porque não queria repetir ciclos, nunca parar de estudar era uma forma de resistir. Já era geógrafa e não sabia, pois tinha um olhar investigativo sobre o lugar e território. Ser docente numa Escola Diferenciada reafirmou o que queria. Através do conhecimento em geografia compreendo a dinâmica natural e social da aldeia, auxiliando os agricultores ao uso da terra. O professor da Escola Diferenciada deve entrar em consolidação com a visão do movimento indígena. Somos guerreiros dispostos ao ensino, a terra é nosso bem precioso, não é algo apenas físico, é espiritual, nos dá a vida. Somos fruto de retomadas, e essa, faz parte da nossa constituição. Sempre me senti professora de geografia, pois a geografia me amplia a visão, quebrando a escola conteudista para constituição de uma geografia crítica, permitindo-me analisar nosso território, perguntando: por que está assim? A formação docente das escolas estaduais, as quais participo são formações interculturais, distintas da formação da rede municipal, onde a especificidade indígena não é levada em consideração em nenhuma modalidade. (Professora A – narrativa online via GoogleMeet).

Professora B: Ser professor indígena é uma luta constante, como professores, trabalhamos as habilidades da BNCC e a cultura, não podemos deixar morrer nossa cultura. Na escola não ensinamos a ser índio, nascemos índio, trabalhamos os conteúdos escolares com a cultura, como exemplo disso a pintura com as tintas características do povo Tapeba (preto e vermelho). Para ser professor na Escola Diferenciada, antes de tudo precisa ser indígena, além de envolver-se com o movimento de forma atuante. O que nos define é resistência, pois sempre que há troca de prefeito precisamos mostrar nossa força para garantir nossos direitos. Somos diferenciados porque nosso projeto pedagógico é construído com a comunidade e nossos troncos velhos (os mais velhos, referência para a comunidade, pessoas que deram a vida pela terra, os que sofreram para termos o que temos, trazem com eles toda a carga histórica, cura para muitas doenças e respostas pedagógicas). Na geografia trabalho o espaço geográfico e como esses

espaços afetam nossa vida geograficamente e historicamente. Percebemos que há uma ligação entre a gente e a lagoa, entre a gente e o terreiro sagrado, a geografia é trabalhada junto a nossa cultura. (Professora B – narrativa online via GoogleMeet).

9

As narrativas docentes indígenas trazem-nos elementos que mostram a incorporação da geografia escolar numa relação espiritual com a terra, uma construção de saberes coletivos com os anciãos da aldeia e comunidade, onde muitas respostas são construídas, evidenciando uma forte potencialidade decolonial.

Histórias de luta são inscritas nas linhas teciduais da historicidade das educadoras indígenas, as narrativas interculturais podem ser imortalizadas, trazendo à tona processos de luta vivenciados pelos mesmos para transbordamento de uma educação intercultural viva e potencializadora de amplas abordagens.

4 Considerações finais

A colonialidade dos saberes experienciada pelos povos originários, levou a busca de uma reinterpretação do mundo, por uma dinâmica de desconstrução da hegemonia dos saberes racionais, para constituição da dialogicidade entre os distintos saberes culturais através da interculturalidade, as narrativas interculturais constituem-se possibilidades de desenvolvimento da escuta sensível da historicidade e experimentação do corpo-território dos sujeitos gerando o transbordamento de novas perspectivas pedagógico-culturais.

As narrativas mostram-nos que a potencialidade decolonial na docência indígena, manifesta-se no tensionamento dos saberes da cultura escolar ao serem ressignificados pelos saberes da cultura indígena impressa no corpo-território docente, contribuindo para o fortalecimento de uma docência intercultural.

Revisitar as memórias culturais possibilitam a consolidação do processo de formação docente indígena, através de narrativas interculturais como caminho alternativo a uma construção intercultural em intrínseca relação com o sujeito, exteriorizando os saberes ancestrais compartilhados pela subjetividade, fortalecedora da memória coletiva.

Referências

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade** : sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2021. E-book. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20210219014514/Territorio-decolonialidade.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

10

MENESES, Gerson Galo Ledezma. Novos olhares sobre a história de Abya - Yala (América Latina): A construção dos “outros”, a colonialidade do ser e a relação com a natureza. In: MORTARI, Claudia; WITTMANN, Luisa (org.). **Narrativas insurgentes: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 47-70. E-book. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2020/12/narrativas-insurgentes.pdf>. Acesso em: 29 maio 2021.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020. E-book. Disponível em: [file:///C:/Users/Gisane%20Monteiro/Downloads/corpo-territorio-educacao-decolonial-repositorio%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Gisane%20Monteiro/Downloads/corpo-territorio-educacao-decolonial-repositorio%20(2).pdf) . Acesso em: 10 jun. 2021.

PLÁ , S. Cinco tipos de narrativas históricas interculturais no currículo. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, v. 26, p. 958-984, 18 dez. 2019. Edição Especial, Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/52059>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula; **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2013. E-book. Disponível em: [file:///C:/Users/Gisane%20Monteiro/Downloads/Epistemologias%20do%20Sul%20by%20Boaventura%20de%20Sousa%20Santos,%20Maria%20Paula%20Meneses%20\(z-lib.org\)%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Gisane%20Monteiro/Downloads/Epistemologias%20do%20Sul%20by%20Boaventura%20de%20Sousa%20Santos,%20Maria%20Paula%20Meneses%20(z-lib.org)%20(1).pdf) . Acesso em: 20 maio 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**. Autêntica: Belo Horizonte, 2019. 1ª edição. E-book. Disponível em: [file:///C:/Users/Gisane%20Monteiro/Downloads/O%20fim%20do%20imp%C3%A9rio%20cognitivo%20A%20afirma%C3%A7%C3%A3o%20das%20epistemologias%20do%20sul%20by%20SANTOS,%20Boaventura%20de%20Sousa%20\(z-lib.org\).pdf](file:///C:/Users/Gisane%20Monteiro/Downloads/O%20fim%20do%20imp%C3%A9rio%20cognitivo%20A%20afirma%C3%A7%C3%A3o%20das%20epistemologias%20do%20sul%20by%20SANTOS,%20Boaventura%20de%20Sousa%20(z-lib.org).pdf) . Acesso em: 20 maio 2021.

WALSH, Catherine. **Pedagogías Decoloniales: Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir**. Equador: Abya-Yala, 2017. E-book. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2018/03/catherine-walsh-pedagogc3adas-decoloniales-volume-i.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ⁱ **Gisane Monteiro de Andrade**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0133-8180>

Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA)

Graduada em Licenciatura em Geografia e especialista em Desenvolvimento com Meio Ambiente, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, atualmente cursando mestrado em Geografia (MAG)-UVA, atua como gestora no município de Sobral.

Contribuição de autoria: Autora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2681245598300184>

E-mail: gisane.andrade@edu.sobral.ce.gov.br

ⁱⁱ **Adriana Campani**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4524-7694>

Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA)

Professora Associada da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora em Educação Universidade Federal do Ceará (UFC). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículo, Formação de Professores e Pedagogia Universitária.

Contribuição de autoria: co-autora.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4836683202394556>

E-mail: adriana_campani@uvanet.br

ⁱⁱⁱ **Virgínia Célia Cavalcante de Holanda**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6070-7292>

Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA)

Graduada em geografia na Universidade Vale do Acaraú, Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP).

Contribuição de autoria: co-autora

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9956987624407961>

E-mail: vccholand@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

ANDRADE, Gisane Monteiro; CAMPANI, Adriana; HOLANDA, Virgínia Célia Cavalcante de. A potencialidade decolonial das narrativas interculturais na docência indígena. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021.